

MICRO-HISTÓRIA, LITERATURA E GÊNERO: O CASO DE SOLEDAD ACOSTA DE SAMPER NA IMPRENSA COLOMBIANA DO SÉCULO XIX

Por Juan Pablo Calle Orozco

callejuanp@hotmail.com

Resumo

Esta pesquisa discute os limites e as possibilidades da micro-história para encontrar as relações entre gênero, história e literatura. Com finalidade de falar concretamente sobre este tema, este artigo aborda os indícios, os sinais e as particularidades de identidade feminina na obra jornalística de Soledad Acosta de Samper (1833-1913), escritora colombiana do século XIX. Desta forma, se descobrem os processos de subjetividade desenvolvidos pelas escritoras para encontrar um lugar no movimento cultural daquele momento; ou seja, a partir de um caso específico e individual este trabalho examina a ligação que existe entre a esfera pública, a produção literária, a subjetividade e a escrita feita pelas mulheres.

Palavras chave

Micro-história; literatura colombiana; século XIX; mulheres escritoras; estudos de gênero.

Abstract

This paper discusses the limits and possibilities of microhistory in order to find the connection between gender, history and literature. With the purpose of presenting this subject, this article analyzes the traces, the signals and the particularities of feminine identity in Soledad Acosta de Samper's journalistic work. Thus, it's possible to discover the process of subjectivity developed by women writers, whose principal aim was to find a place in the cultural movement. Based on a particular case, this work analyses how the public sphere relates with literature, feminine subjectivity and women's writing.

Keywords

Microhistory; Colombian literature; 19th century; women writers; gender studies.

1. Introdução:

O estudo histórico e social da literatura exige dar conta não só dos processos de escrita e de leitura das obras, senão da ligação que existe entre sociedade e cultura, o que possibilita a existência do sistema literário. Nessa relação se encontram lutas no centro do sistema, o que produz um movimento no interior dele. Essa dinâmica é percebida pelos jornais, pois as publicações periódicas são um termômetro que mede o desenvolvimento cultural da sociedade. Portanto, nas páginas da imprensa situam-se as oposições entre o cânone literário e aquelas formas alternas ou periféricas da escrita que são inerentes às manifestações socioculturais.

Um exemplo de estas formas de escrita subalterna é a literatura feita por mulheres, cuja análise supõe um rompimento com a historiografia androcêntrica tradicional. Seguir este caminho implica examinar os processos de subjetividade e atuação que as escritoras empregaram a fim de abrir passagem no movimento cultural; ou seja, que essa pesquisa deve descobrir qual foi a relação entre a esfera pública, a produção literária e a subjetividade da mulher escritora. Ao mesmo tempo, deve aferir estas expressões com os discursos hegemônicos que têm delimitado a norma estética.

Neste sentido, a base metodológica da micro-história, proposta pelo Carlo Ginzburg, constitui-se numa ferramenta fundamental de trabalho, já que, como afirma Jacques Revel (1998), esta “se propõe enriquecer a análise social tornando suas variáveis mais numerosas, mais complexas e também mais móveis” (REVEL, 1998, p. 23).

2. A micro-história como procedimento metodológico

No texto “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”, Carlo Ginzburg explica como, no final do século XIX, se desenvolveu um modelo epistemológico que foi empregado na prática, mas esquecido pela análise teórica. Este modelo se denomina paradigma indiciário. Ginzburg aborda esta questão através de três personagens: o crítico Giovanni Morelli, o escritor Arthur Conan Doyle e o criador da psicanálise, Sigmund Freud.

Morelli, por exemplo, examinava as particularidades mais negligenciáveis, aquelas que não eram evidentes, a fim de reconhecer o autor de um quadro; Conan Doyle colocava sinais ínfimas para reconstruir um crime, e Freud encontrou no Morelli um método interpretativo centrado nos dados marginais, que geralmente eram considerados sem importância

(GINZBURG, 1986, p. 150). E daí, Ginzburg estuda o significado do paradigma epistemológico e simbólico do Galileo.

Finalmente, aquelas disciplinas que o Ginzburg denomina indiciárias observam casos, situações e documentos individuais, ou seja, que têm como objetivo o estudo das particularidades que às vezes escapam dos estudos macros, quantitativos. Portanto, o pesquisador italiano assegura que, “se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios– que permitem decifrá-la” (GINZBURG, 1986, p. 177).

A mesma proposta é desenvolvida na introdução do texto *O queijo e os vermes*. Nele, Ginzburg justifica o exame dos indícios mínimos como elementos reveladores de fenômenos mais gerais, pois “alguns estudos biográficos mostraram que um indivíduo medíocre, destituído de interesse por si mesmo –e justamente por isso representativo–, pode ser pesquisado como se fosse um microcosmo de um estrato social inteiro num determinado período histórico” (GINZBURG, 1987, p. 25).

No entanto, um indivíduo também pode ser considerado numa relação de oposição com o entorno dele. Assim, faz Ginzburg na análise dos textos lidos por Menocchio, o moleiro friulano cuja história é narrada na pesquisa *O queijo e os vermes*. De tal forma que as ideias e crenças de um indivíduo podem ter relevância num plano geral.

Outra definição do projeto micro-histórico foi feita pelo Jacques Revel, quem afirmou que o objetivo deste enfoque é “tomar posição frente a certo estado da história social, da qual ela sugere reformular concepções, exigências e procedimentos” (REVEL, 1998, p. 16). De modo que esta perspectiva propõe fazer da marca mais individual a fronteira que permitiria elaborar uma modalidade nova de uma história social que tenha interesse pelos indivíduos percebidos em suas relações com outros indivíduos. Quer dizer que a escolha do individual não se contrapõe à do social: “Ela deve tornar possível uma abordagem diferente deste, ao acompanhar o fio de um destino particular –de um homem, de um grupo de homens– e, com ele, a multiplicidade dos espaços e dos tempos, a meada das relações nas quais ele se inscreve” (REVEL, 1998, 21).

Como se vê, o processo que a micro-história coloca revela que os indícios, os sinais e as particularidades são a chave para estudar as classes subalternas, porquanto está atento das marcas imperceptíveis, da voz daquele que está numa posição desfavorável em relação a

um poder hegemónico. Assim mesmo, o conceito do individual introduz a questão da subjetividade, ou seja, aquela forma que o sujeito utiliza para reconhecer-se como parte de um ambiente social..

Contudo, a forma particular de observação gera efeitos de conhecimento específicos que podem se combinar com métodos próprios da história social no sentido tradicional, ou seja, com um nível macro. Como assegura Revel, variar a objetiva não significa apenas aumentar (ou diminuir) o tamanho do objeto no visor; significa trocar sua forma, observar o objeto desde outro ângulo. De fato, a variação da escala permite ampliar as imagens da história a fim de observar aqueles detalhes que parecem invisíveis (REVEL, 1998, p. 153). Assim, pouco a pouco, aparecem aqueles personagens que desempenham o papel de mediadores, reguladores e inclusive que aportam à constituição da sociedade, mas que são esquecidos por aquela história de “gestas dos reis”, que não vira para ver o desenvolvimento das classes subalternas.

Justamente, esta pesquisa apresenta o processo de desenvolvimento da escrita da mulher durante o século XIX na Colômbia, baseada nos casos particulares de mulheres escritoras que utilizaram os jornais como plataformas de publicação. Dessa forma, elas construíram um discurso em que a mulher saia do âmbito doméstico para se instalar no espaço da cultura.

3. Imprensa e elites culturais no século XIX colombiano

O 6 de agosto de 1886, José María Samper (1828-1888)¹ pronunciou o discurso de posse na Academia Colombiana. Neste texto, ele ressaltava a força das ideias que circulavam nos claustros universitários. Deste modo, ele denomina “geração intelectual” ao conjunto de homens que, educados pelos jesuitas no Colegio de San Bartolomé, e iniciados na política pelo Partido Liberal, se encarregaram de “encaminhar o movimento da república” (SAMPER, 1953, p. 170).

No entanto, Samper também sublinhava que o ambiente acadêmico não era o único espaço de formação que tinham as elites da capital, pois também o aperfeiçoamento da imprensa, que se levou a cabo com a ajuda de desenhistas, pintores e litógrafos venezuelanos, como

¹ José María Samper (1828-1888), escritor e político colombiano. Entre as obras dele se incluem quadros de costumes, relatos de viagens, biografias e artigos jornalísticos. Desde jovem, ele pertenceu ao Partido Liberal Colombiano e defendeu as ideias do liberalismo radical.

os irmãos Echeverría, Ovalle e Martínez, propiciou uma transformação do campo intelectual colombiano (SAMPER, 1953, p. 217). A partir do momento em que a imprensa começou este desenvolvimento, as publicações periódicas constituíram-se em verdadeiras divulgadoras das ideias e opiniões da sociedade (1953, p. 218), além de se transformar em pontos de encontro das discussões e debates públicos, ou seja, em autênticos espaços de sociabilidade.

De acordo com essas afirmações de Samper, antes de 1842, as publicações periódicas eram quase exclusivamente políticas e oficiais. Este fato produziu um anciloseamento dos principais centros da vida intelectual (SAMPER, 1953, p. 218). A cultura e as ideias subordinaram-se ao vaivém político, às discussões partidárias e aos debates ideológicos. Por conseguinte, isso impediu que os campos literário e cultural tivessem um andamento autônomo e independente.

Tal como expõe Samper, com a divisão do trabalho os jornais começaram a estender os limites da imprensa política. Portanto, a literatura começou a ter um espaço dentro das páginas das publicações periódicas. Esta situação gerou uma ampliação do âmbito de ação dos homens de letras, o que foi propício para desenvolver a sua atividade como intelectuais.

Porém, além das páginas da imprensa, os intelectuais encontraram nas reuniões privadas um lugar ideal para compartilhar interesses comuns. Esses encontros, denominados tertúlias, levavam-se a cabo entre pessoas que tinham algum vínculo profissional, de classe, sangue ou afetividade.

A miúdo, o produto dessas assembleias era a publicação dos jornais; ou seja, que se concebia um projeto cultural abrangente no qual os membros do grupo discutiam em privado e depois editavam, escreviam e publicavam o que tinham debatido.

Uma das tertúlias mais conhecidas daquela época foi El Mosaico, que surgiu em Bogotá em 1858. O objetivo deste grupo era estabelecer um espaço que fomentasse a arte e a literatura e que mantivesse o intercambio social. No entanto, esta não era a única iniciativa privada deste mesmo tipo, pois também se constituíram a Sociedad Filarmónica o Lírica, la Sociedad del Dibujo y la Pintura, la Academia de Santo Tomás de Aquino, entre outras. De fato, El Mosaico estava conformado pelos integrantes do Liceo Granadino, organização

composta por homens e mulheres que se reuniam para falar de ciências, literatura e belas artes (GORDILLO, 2003, pág 29).

Embora cada uma delas tivesse uma duração muito breve, El Mosaico perdurou por 14 anos ininterrompidos. Mas a característica mais importante da tertúlia foi a diversidade política das pessoas que faziam parte dela. Tanto liberais como conservadores foram recebidos dentro do grupo, pois não era uma sociedade política fechada nem sectária, senão cultural. Porém, isso não quer dizer que não fora elitista: era uma sociedade aberta aos membros da mesma classe, ainda que não tivessem uma afinidade política. Em suma, é evidente que este acordo entre pessoas da elite bogotana tinha a ver com uma nostalgia dos valores aristocráticos da Colônia e com a necessidade de preservar alguns privilégios culturais.

Desta tertúlia surgiu um jornal com o mesmo nome, que circulou entre 1858 e 1872, e também uma editorial, que publicava obras literárias e científicas. Além dessas empresas culturais, El Mosaico também promoveu a publicação do primeiro jornal colombiano encaminhado às mulheres: *Biblioteca de Señoritas*.

Os textos publicados nesse jornal feito para as mulheres tinham um carácter literário e uma evidente missão instrumental: encontrar uma maneira adequada de ensinar à mulher, quem devia formar-se com base na retidão, na ordem, no conhecimento de outras línguas e no amor pela arte. Em resumo, se buscava educar um tipo de mulher capacitada para desenvolver-se como mãe, esposa e pessoa encarregada dos valores sociais.

De fato esse era o propósito do ensino naquele momento. Assim se confirma no plano de estúdios do Colegio de Niñas de la Merced, fundado em 1830 por Rufino Cuervo. Segundo o listado das disciplinas daquela escola, uma mulher verdadeiramente instruída devia ser boa esposa, mãe exemplar, governadora da casa e da família (Colegio de Niñas de la Merced, s.f.), imagem ideal do feminino que se constituiu na base da *Biblioteca de Señoritas*.

4. Soledad Acosta de Samper e a identidade encoberta na *Biblioteca de Señoritas*

Soledad Acosta de Samper (1833-1913) foi uma das principais escritoras nos jornais do século XIX. Usando o pseudónimo de Andina, Acosta de Samper publicou uma serie de

artigos na *Biblioteca de Señoritas*. Os textos dela dentro desse jornal estavam incluídos na sessão intitulada “Revista parisiense”, que foi publicada durante 15 números. O conteúdo destes artigos referiu-se aos aspectos destacáveis da vida social: ao movimento artístico, à moda, às obras literárias, teatrais e operísticas daquela época. Mas também, nestes textos, ela falava sobre o comportamento da mulher e a função que ela devia cumprir na sociedade.

Na “Revista parisiense”, ela afirma a necessidade da mulher de se reconhecer e se analisar como contraparte do homem. Daí conclui que o dever dela é conservar, educar e agradar. Embora seja um discurso tradicional que aceita o estabelecimento, ela tenta ampliar o campo de atuação da mulher, pois Acosta de Samper assegura que é preciso refletir sobre o papel dela dentro do gênero humano. Apesar disso, esses artigos não tem um carácter abertamente político, senão de entretenimento.

Anos depois, esta autora radicalizará seu discurso sobre a educação e a formação feminina. No jornal *La Mujer*, dirigido e fundado por ela, reflete sobre a liberdade e a moral da mulher na modernidade. Assim, assegura que o compromisso dela é salvaguardar a virtude e a moral. Porém, é preciso que as mulheres, sobretudo as mais pobres, tenham acesso ao ensino. No entanto, esta responsabilidade de garantir a educação da mulher é uma obrigação dos legisladores e governantes. Ou seja, que os assuntos que se apresentam como aparentemente frívolos na *Biblioteca* (moda, ópera e arte) são uma preparação intelectual para discutir tempo depois temas mais políticos e sociais.

Nas páginas de *La Mujer*, ela também propõe que o ensino feminino esteja encaminhado a procurar a emancipação moral e laboral das mulheres para que se independessem do homem. Ao mesmo tempo assegura que elas são criadas por Deus como seres independentes e livres. Isso quer dizer que nem o homem nem a sociedade têm a potestade de atrapalhar essa vontade divina; pelo contrario, estão obrigados a garantir que ela seja cumprida. Desta forma, o confinamento familiar adquire um sentido diferente, pois a mulher é livre de decidir como dirigir a vida dela além do ambiente doméstico.

No entanto, a ruptura de Soledad Acosta com a moral cristã não é radical: ela utiliza os recursos da religião para sublinhar a importância da mulher no mundo moderno. A luta,

para ela, está na sociedade, no cambio da mentalidade em relação ao papel doméstico da mulher e na ressignificação dos valores religiosos, mas sem conceber a eliminação deles.

Nos jornais *Lecturas para el hogar* e *El domingo de la família Cristiana*, fundados por ela, se expressam essas tensões entre moral religiosa e liberdade individual da mulher, já que tentam conciliar o pensamento cristão com estudos científicos e sociais encaminhados ao ensino feminino.

Segundo Soledad Acosta de Samper, a união entre ciência e religião é a plenitude da sabedoria humana. E este conhecimento é a via pela qual se consegue a liberação do pensamento. Desde este ponto de vista, a liberdade não é um direito, senão uma faculdade do senso comum.

Nas páginas de *La Familia*, outro dos jornais dirigidos por Acosta de Samper, a autora incentiva o estudo não só da ciência, pois também é importante conhecer a outra dualidade: a religião. Segundo o que ela diz, a escrita é superficial quando só fica com uma perspectiva e não se atreve a explorar o âmbito do sagrado.

O conceito de liberdade fica, pois, como a base do desenvolvimento da personalidade, mas essa liberdade está limitada pelo conhecimento da moral cristã. A autora entende ao ser humano como uma entidade livre, que possui uma liberdade que foi dada por Deus. Portanto, considera que esta faculdade é uma responsabilidade que deve assumir a mulher no percurso da vida. Por outro lado, a família e a religião são, de acordo com ela, espaços para desenvolver essa individualidade.

No livro *La mujer en la sociedad moderna*, Acosta de Samper reafirma essas mesmas opiniões publicadas nos jornais. Neste texto, ela diz que a mulher para ser feliz não precisa conseguir um esposo nem ter um lar, devido a que a verdadeira missão dela consiste em trabalhar e aprender, dois valores que permitem à mulher viver sem a ajuda de um homem. Por isso, Deus a criou com liberdade de escolha para que ela possa servir à nação. A mulher não pode ficar com os braços cruzados deixando-se levar pela corrente masculina. É preciso que ela lute e salve a sociedade do cataclismo que a ameaça. Mas realizar este labor só é possível conseguindo a sua própria independência.

Estas ideias também são expressas pela autora no Congreso Pedagógico Hispano-Lusitano-Americano, feito em Madrid em 1892. Nesse evento ela escreve um texto sobre a capacidade que tem a mulher para desempenhar-se em diferentes profissões. Esta preocupação por demonstrar que ela tem as mesmas aptidões dos homens se encontra nos primeiros textos que Soledad escreve quando era uma adolescente. No seu diário, por exemplo, ela diz: “Adonde está la libertad si siempre nos hallamos esclavas de la sociedad, sin esperanza de poder huir de ella jamás” (11 de septiembre de 1854).

Porém, é possível ampliar um pouco o plano micro a fim de conseguir uma melhor visualização do contexto onde está inserido o indivíduo. Por exemplo, se pode passar dos textos da Soledad Acosta ao prospecto do jornal. Ali, se expressam os valores e a linha segundo a qual a publicação está baseada. No caso de *Biblioteca de Señoritas*, a publicação se declara como “uma obra consagrada às belas letras e às belas artes”, cujo conteúdo está encaminhado às mulheres, pois elas são as mais interessadas no “progresso moral da sociedade” (1958, núm. 1, pág. 1). Os jornais continuavam o projeto pedagógico de instruir à mulher para que fosse a transmissora dos valores sociais e, ao mesmo tempo, a pessoa encarregada do ensino e da preservação da moral cristã. Por esta razão, a literatura apresentou-se como uma ferramenta ideal de educação: “Tanto a cidadã quanto a camponesa encontrarão na *Biblioteca* uma fonte inesgotável de prazeres domésticos; uma companheira instruída e agradável para as noites do lar; um guia seguro para penetrar sem vergonha no mundo da poesia e da moda” (*Biblioteca de Señoritas*, 1858, núm1, pág. 1).

Mesmo que *Biblioteca de Señoritas* fosse um jornal para as mulheres, estava escrito, principalmente, pelos homens. Quer dizer então que esta publicação buscava manter aquela imagem idealizada da mulher e limitar a participação dela no espaço da cultura. Apesar disso, as literatas encontraram diferentes estratégias a fim de publicar na imprensa. Como já se explicou, Soledad Acosta de Samper, por exemplo, utilizou o pseudónimo como via de comunicação das ideias dela.

Ocultar o nome possibilitava que as mulheres expressassem uma oposição direta a aquele modelo feminino imposto pela sociedade, segundo o qual o espaço natural da mulher era a família e o lar. Assim, as paginas da imprensa foram um lugar de disputa para passar do âmbito doméstico ao espaço da escrita e da cultura.

Numa serie de correspondências publicadas durante três números na *Biblioteca*, uma leitora esconde o nome dela no pseudônimo de Rufina e escreve três artigos acerca da concepção que os homens jornalistas têm sobre a mulher.

No primeiro desses textos, a autora utiliza como referência um artigo escrito por um dos redatores da *Biblioteca*, no qual o autor critica a forma em que se vestem as mulheres. Um assunto que é aparentemente trivial torna-se um pretexto para discutir sobre a desigualdade de oportunidades entre homens e mulheres, mas ao mesmo tempo foi uma oportunidade para reivindicar os direitos da mulher numa sociedade patriarcal.

Segundo Rufina, a sociedade é injusta porque concede privilégios aos homens e não permite que as mulheres se defendam quando alguém executa uma ação ofensiva contra elas. Assim, ela afirma que: “Nós [as mulheres] carecemos de qualquer classe de direitos, e nem podemos escrever nos jornais” (*Biblioteca de Señoritas*, 1858, núm 33, pág. 279). De fato, a autora manifesta que, se ela enviar um artigo anônimo contra os homens, este não seria aceito pelo editor, porquanto é inconcebível fazer uma ofensa ou uma reclamação contra eles.

Em outro dos artigos escritos por esta autora, ela faz uma desaprovação a um gênero literário muito comum no século XIX na América Hispânica, o quadro de costumes.² Conforme a argumentação dela, não existe nenhum artigo de costumes no qual a mulher não seja alvo da crítica, até o ponto de que este gênero literário censura o fato de que elas prefiram ficar em liberdade a se submeter ao jugo do matrimônio (*Biblioteca de Señoritas*, 1858, núm 35, pág. 294). Nesse sentido, o costumbrismo representa a mulher desde um ponto de vista masculino, com características de seres inferiores e naturalmente frágeis.

O anterior tinha também uma relação com a realidade imediata, pois a autora assegura que a mulher era excluída dos centros culturais e não recebia a mesma educação do homem: “O estudo da língua materna e das línguas estrangeiras modernas, da história, da geografia, da moral cristã, da música e do desenho basta para formar a mulher distinta da sociedade” (*Biblioteca de Señoritas*, 1858, núm 37, pág. 311): esse é o perfil de ensino que ela

² Os quadros de costumes são textos literários, independentes ou inseridos em obras maiores, que descrevem cenas, ambientes ou personagens da realidade circundante. Com frequência expressam uma intenção filosófica ou moral, muitas vezes para censurar condutas e atitudes (MOREIRO 2000, p. 11).

apresenta como desejável, em contraposição a aquela imagem da mulher enclaustrada no papel de mãe exemplar. O espaço da mulher não devia se limitar ao lar e a família, senão que devia incluir também a formação académica e artística.

Em resumo, encobrir a identidade por meio do pseudónimo permitiu que as mulheres tomassem posição sobre a situação delas na sociedade e no mercado dos bens simbólicos. Por sua vez, a imprensa foi uma das condições de possibilidade para visibilizar a situação da mulher em relação com o espaço cultural e literário.

5. Conclusão

Fazer unicamente um estudo macro de carácter quantitativo pode atraparhar a visibilidade sobre aqueles assuntos que se descobrem no plano dos sinais, das particularidades, tais como o desdobramento da subjetividade nos diários e nas correspondências privadas ou o agir de uma classe subalterna no meio dos aparelhos culturais, ou seja, aqueles temas que só são possíveis de abranger pela pesquisa da intimidade e do desenvolvimento de um indivíduo.

Como se pode ver no caso da Acosta de Samper, a forma particular de observação gera efeitos de conhecimento específicos que se podem combinar com métodos próprios da história social no sentido tradicional, ou seja, com um nível macro. Como assegura Revel, variar a objetiva não significa apenas aumentar (ou diminuir) o tamanho do objeto no visor; significa trocar sua forma, observar o objeto desde outro ângulo. Decerto, a variação de escala permite ampliar as imagens da história a fim de observar aqueles detalhes que parecem invisíveis (Revel, 1998, p. 153). Assim, pouco a pouco, aparecem aqueles personagens que desempenham o papel de mediadores, reguladores e inclusive que aportam à constituição da sociedade, mas que são esquecidos por aquela história de “gestas dos reis”, que não vira para ver o desenvolvimento das classes subalternas.

É evidente que o plano individual se compreende melhor se se coloca em perspectiva de um plano social maior como este, pois o conteúdo das fontes escritas adquirem novas nuances e diferentes superfícies.

Portanto, através da análise dos textos desta e outras escritoras é possível rastrear a situação da mulher na vida cultural do século XIX colombiano. Ao mesmo tempo, também se pode evidenciar o processo de apropriação do discurso patriarcal, hegemónico e cristão, que dominava nesse momento.

Com efeito, por meio da mentalidade da Soledad Acosta se reconstrói a dinâmica das formas simbólicas: o funcionamento da imprensa, o desenvolvimento da literatura dos meados do século XIX e a luta de algumas mulheres por ganhar um lugar no sistema literário e cultural. Em suma, o estudo particular de um indivíduo mostra as relações de poder que se estabelecem entre a cultura patriarcal e o esforço das mulheres por construir um capital simbólico próprio.

Bibliografía:

Jornais:

Biblioteca de Señoritas (1858-1859).

El Oasis (1868-1873).

La Mujer (1879-1881).

La Familia (1884-1886).

El Domingo de la Familia Cristiana (1889-1890).

El Domingo (1898-1899).

Lecturas para el hogar (1905-1906).

Referências:

ACOSTA DE SAMPER, S. *Diario íntimo*. Bogotá: Universidad de Los Andes, 2015.

Colegio de niñas de La Merced. (s. f.). “El colegio [sic] de niñas de La Merced de esta capital, cumpliendo con sus respectivos estatutos, presentará un certamen público sobre las materias siguientes”. Bogotá, 3 p. Folios 536-537 del F. Pineda 469. Recuperado de:

http://www.bibliotecanacional.gov.co/recursos_user/digitalizados/fpineda_469_fol536_537.pdf

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia de Letras, 1989.

GORDILLO, A. “*El Mosaico (1858-1872): nacionalismo, élites y cultura en la segunda mitad del siglo XIX*”. In: *Fronteras de la Historia*, n.º 8, 2003, pp. 19-63.

SAMPER, J. M. “Literatura fósil”. In: *Museo de cuadros de costumbres, tomo III*. Bogotá, F. Mantilla. 1866. Recuperado de <http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/literatura/cuac/indice.htm>

SAMPER, J. M. *Selección de estudios*. Bogotá, Editorial ABC. 1953.

REVEL, Jacques. *Jogos de escalas*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.